

Comentário V

Renato Pinto Venâncio

Departamento de História/ Universidade Federal de
Ouro Preto

"... l'histoire des attitudes mentales rejoint celle de la santé, appelle, pour être moins conjecturale, cette histoire 'qui ferait leur place aux aventures du corps' dont déjà Marc Bloch montrait la nécessité (La société féodale). Elle suppose donc l'étude de l'alimentation, de l'hygiène, des régimes de vie, et rencontre ici l'histoire économique" (Duby 1961: 957).

A análise, interessante e bem fundamentada, proposta por Mary Del Priore, revela a complexidade de um tema emergente nos estudos históricos. Logo nas primeiras linhas do referido texto, o leitor surpreende-se com a multiplicidade de abordagens e de interpretações surgidas nas últimas décadas. O corpo, enquanto objeto do historiador, é um tema, como afirma a autora, polissêmico, prestando-se a infinitos enfoques; a cada obra citada por Del Priore, percebem-se perspectivas diferentes, que variam entre a etnologia, antropologia, biologia, demografia, psicanálise, história da religião, literatura e estética.

O texto de Mary Del Priore consiste, dessa forma, num excelente balanço a respeito das principais tendências historiográficas que têm o *corpo* como objeto de análise. Contudo, alguns aspectos talvez mereçam melhores esclarecimentos. O primeiro deles diz respeito ao alcance das abordagens propostas pelos autores dos livros e artigos analisados.

Embora existam numerosos pesquisadores produzindo *Histórias do Corpo*, poucos aventuraram-se em análises do seu respectivo objeto enquanto *fato social total* (Mauss 1950: 366-386), ou seja, a partir de enfoques que investiguem o corpo, simultaneamente, na sua dimensão econômica, social e simbólica. Diluída em várias *histórias*, em múltiplas análises parciais, a história do

corpo afasta-se cada vez mais do projeto delineado pelos fundadores da Escola dos *Annales*; correndo o risco de transformar-se, se é que já não se transformou, em um gigantesco inventário enciclopédico de tópicos parciais.

Acrescem-se a isso, ponderações de outra natureza. É necessário – e isto nem sempre está presente no texto em foco – ter em mente uma distinção fundamental entre autores que escreveram especificamente a propósito da *história do corpo* e outros que lhe dedicaram atenção marginal ou secundária. Não se deve exigir de certos historiadores, tais como Le Roy Ladurie (pelo menos no clássico *Montaillou, village occitain de 1294 à 1324*) ou Jacques Le Goff, o que foi dito anteriormente, pois os mencionados autores não se propuseram, nos textos citados por Mary Del Priore, a escrever capítulo algum da *história do corpo*.

A bibliografia recente também parece abusar do conceito de *mentalidade*. Tal conceito deveria ser ponto de chegada e não de partida das pesquisas. A conhecida metáfora da *caravela* pode ser utilizada para ilustrar meu ponto de vista. Segundo esta metáfora, caberia à *história das mentalidades* procurar os traços comuns entre as formas de pensamento da tripulação, conforme sublinhou Jacques Le Goff:

O nível da história das mentalidade é aquele do cotidiano e do automático, é o que escapa aos sujeitos particulares da história, porque revelador do conteúdo impessoal de seu pensamento, é o que César e o último soldado de suas legiões, São Luís e o camponês de seus domínios, Cristóvão Colombo e o marinheiro de suas caravelas têm em comum (Le Goff 1976: 71).

Paralelamente a isto, caberia à *história das ideologias* tratar do que há de diferente entre as formas de pensamento dos respectivos capitães e marinheiros. De acordo com este ponto de vista, entre ideologia e mentalidade não haveria necessariamente exclusão; na prática, a aplicação dos referidos conceitos dependeria da pertinência de cada um deles, tendo em vista o alvo eleito pelo pesquisador.

Em determinadas circunstâncias, os dois enfoques poderiam contemplar objetos e temporalidades distintas; as *mentalidades*, inseridas na longa duração, investigariam experiências vividas pelo conjunto dos grupos sociais; enquanto o estudo das *ideologias* navegaria nas águas da curta duração, analisando criticamente os embates e conflitos do dia-a-dia, a luta de classe organizada coletivamente ou tecida na urdidura do cotidiano individual. Ao sublinhar a importância da diferença e do conflito, a história das ideologias também representaria um desafio permanente à história das mentalidades, implicando que esta última refletisse sistematicamente a respeito do aparelho conceitual por ela empregado para analisar *un monde que nous avons perdu*. O objeto da *história do corpo* não é, portanto, necessariamente vinculado às pesquisas sobre ideologia ou mentalidade, pois antes de optar pela primeira ou segunda perspectiva, cabe ao historiador avaliar a pertinência de cada uma delas diante de seu objeto de pesquisa.

Do meu ponto de vista, o balanço bibliográfico efetuado por Mary Del Priore revela que nem sempre o objeto de pesquisa da *história do corpo* é visto a partir da síntese de múltiplas determinações, definição cara à historiografia clássica.

Não obstante, alguns textos apresentam noções e conceitos que podem ser articulados para a elaboração de modelos que procurem explicar ou compreender como a realidade social se constitui.

Quando relacionada a estas abordagens, a historiografia da escravidão, por exemplo, ganha novo fôlego, aventurando-se por caminhos inéditos ou até agora muito pouco explorados. Isto acontece quando nos servimos das brilhantes análises desenvolvidas por Le Roy Ladurie, a propósito da *aménorrhée de famine* comum à população europeia nos tempos modernos. Segundo o referido autor, é possível elaborar uma *história do corpo* que não perca de vista as múltiplas determinações do real. Este é o caso dos estudos que procuram investigar as correlações entre a estrutura econômica, política e social expressas no corpo feminino. A partir de fragmentados testemunhos documentais e das minuciosas reconstituições de família, Le Roy Ladurie esboçou uma cronologia das amenorréias coletivas na França do Antigo Regime, revelando como a biologia feminina estava sujeita às variações da economia e, inversamente, como esta última influenciava a primeira (Le Roy Ladurie 1973: 331-348).

Segundo o historiador, as periódicas crises de subsistência afetavam negativamente o organismo das francesas de antanho, levando à suspensão da menstruação por vários meses; a longo prazo isto comprometia a capacidade reprodutiva do conjunto da população, acarretando uma diminuição na demanda de alimentos básicos e amenizando, assim, por algum tempo, o impacto das crises de subsistência. Por sua vez, a melhoria da dieta alimentar levava a um decréscimo na incidência de amenorréias. Tal modelo, aparentemente simples, ganha grau maior de complexidade quando relacionado ao efeitos da guerra e à mudança da representação feminina (infância, juventude e idade adulta) na antiga iconografia francesa.

Ora, como mencionei anteriormente, as sociedades escravistas do Novo Mundo prestam-se a análises semelhantes a estas. É sabido que nas regiões latino-americanas exportadoras de produtos primários, os corpos dos homens e das mulheres cativas sofreram duramente as marcas do sistema escravista. Nestas áreas, os alimentos básicos consumidos pelos escravos caracterizavam-se por graves deficiências nutritivas (Kiple 1989: 678). Nos momentos de diversificação das exportações – a difusão da lavoura de tabaco na Bahia setecentista, por exemplo –, a precariedade da dieta era exacerbada em decorrência da diminuição da área dedicada à agricultura de subsistência (Silva 1985: 39-43).

O corpo da escrava refletia os efeitos devastadores engendrados pela estrutura econômica de tipo colonial. Enquanto na Europa dos séculos XVIII e XIX o início da vida fértil da mulher variava entre treze e dezessete anos (Laslett 1973: 29), no mundo das escravas das áreas exportadoras, a menarca ocorria somente aos dezenove ou vinte anos, as amenorréias eram freqüentes e a menopausa chegava antes mesmo de as mulheres completarem o quadragésimo aniversário (Trussel & Steckel 1978).

A família escrava das regiões exportadoras, dado o quadro de penúria alimentar, caracterizava-se por um número pequeno de filhos (Schwartz 1988: 324-325). Tal ocorrência, ao longo das gerações, acabou por inviabilizar a formação de vastas parentelas constituídas por tios, sobrinhos e primos, restringindo, assim, o leque de alianças e de solidariedade, no universo das senzalas, quase

sempre circunscritas às relações de vizinhança ou ao compadrio.

A débil natalidade escrava também criou condições para a multiplicação de cultos religiosos ligados à fecundidade, tornando possível que algumas santas do *panthéon* católico (principalmente aquelas ligadas ao processo reprodutivo – Nossa Senhora Conceição, do Parto, etc.) fossem assimiladas culturalmente por grupos africanos de tradições religiosas díspares às européias.

Estas devoções, também cultivadas no seio das famílias senhoriais, encontravam, dessa maneira, decidido apoio entre as amas escravas, que tratavam de transmiti-las às crianças brancas. Não é absurdo, portanto, incorporar o que Gilberto Freyre denominou de *mariolatria* do Brasil, ao campo de investigações da *história das mentalidades* referente ao período colonial (Freire 1987: 399 e 541).

Obviamente, o conjunto de afirmações acima feitas tem um caráter eminentemente hipotético, servindo apenas para ilustrar meu ponto de vista. Na verdade, o que importa salientar é que, partindo de uma problemática vinculada à *história do corpo*, no sentido mais íntimo do termo, é possível investigar, de forma articulada e sistemática, temas ligados à história demográfica (modificações no corpo da mulher/flutuações na curva de natalidade), econômica (variação das exportações/penúria alimentar), social (formação de parentelas/modificações do comportamento da escravaria) e religiosa (capacidade reprodutiva/devoções religiosas).

Tal perspectiva, no entanto, não pretende ser dogmática, mas sim visa sublinhar a riqueza das abordagens que procuram definir o objeto de pesquisa enquanto síntese de múltiplas determinações econômicas, sociais e culturais. Distantes desta perspectiva, os historiadores dedicados ao inventário do corpo correm o risco de se comportarem como os *serial killers* contemporâneos que, sem razões aparentes, fatiam cadáveres em múltiplos retalhos, espalhando-os, para espanto coletivo, nos canteiros de suas próprias casas.